

Fazendo trabalhar Jean Laplanche no diálogo com Sandor Ferenczi e Piera Aulagnier¹

Maria Teresa de Melo Carvalho²

É um prazer estar com vocês hoje para a abertura dos trabalhos da Construto neste ano e é também realmente uma honra. Expresso, então, meus agradecimentos a Constructo e, em especial, a Raquel Moreno, mensageira do convite, que recebi com receio diante do desafio e da responsabilidade que ele representa. Raquel acolheu e proporcionou contenção ao meu receio, funcionando como uma verdadeira “assistente de tradução” diante da pergunta que eu me fazia: “o que querem de mim essas colegas que me endereçam esse convite?” Passado o susto inicial, foi, então, possível propor um título para esta aula: “Fazendo trabalhar Jean Laplanche no diálogo com Sandor Ferenczi e Piera Aulagnier”.

Lançamos palavras sobre o papel, um pouco ao acaso, movidos pela assonância, *seduzidos* pelo efeito produzido ou a produzir [...]; e eis que agora estão registradas, não totalmente sem história e sem intenção deliberada, mas numa espécie de meio do caminho onde clamam por sentido. A partir de então não há mais descanso, eis que estão investidas, pela exigência da conferência, pontos de estimulação de onde irradiam a inquietude ou mesmo a angústia: verdadeiro pequeno demônio cuja energia deve ser

1 Aula inaugural para a Constructo Instituição Psicanalítica, 2 de abril de 2025.

2 Psicóloga, psicanalista, doutora em psicanálise pela Universidade Paris 7, professora aposentada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

ligada antes de qualquer esperança de fazê-la escoar e dela obter um certo prazer. Eis aí mais do que uma imagem, mais do que um modelo: um desses microtraumatismos renovados que pontuam, que relançam nossa atividade criadora (Laplanche, 1986/2008, p. 255, tradução nossa).

Com a citação dessa passagem que introduz o texto “Traumatismo, tradução, transferência e outros trans(es)”, pretendo chamar a atenção para esse texto de Laplanche (*ibid.*) que, além de ser um marco no diálogo Laplanche-Ferenczi, permite também avaliar a centralidade, em sua teoria, da noção de trauma como fator constitutivo do psiquismo e que se renova ao longo da vida nas mais diversas situações de confronto com a alteridade.

Ainda hoje, depois de tantos anos dedicados à obra de Laplanche, persistem os motivos que me levaram a escolhê-lo como uma das minhas principais referências. Entre esses motivos, destaco a abertura que ele demonstra ao diálogo com outros autores da psicanálise. Afora a reconhecida qualidade do permanente diálogo com Freud, Laplanche dialoga também com os grandes autores pós-freudianos e com seus contemporâneos. A meu ver, trata-se de uma postura exemplar na forma de compreender e conduzir o progresso da psicanálise.

A psicanálise, pela própria natureza de seu objeto, requer um constante retorno às fontes, como disse Laplanche ao explicar o título de seu livro *Novos fundamentos para a psicanálise*: “Entre o termo ‘novo’ e o termo ‘fundamento’, há, portanto, um movimento: o fato de retornar aos fundamentos para renová-los. Remontar à fonte” (Laplanche, 1987, p. 7, tradução nossa). Isto é, o “novo” refere-se aos fundamentos e não à psicanálise. Não se trata de propor uma nova psicanálise nem de querer inovar a qualquer preço. O que é preciso recolocar em questão é o que funda essa disciplina, seu objeto específico.

Foi, então, nesse sentido que Laplanche retornou a Freud, ou melhor, “retornou sobre Freud”, como ele prefere dizer, para analisar as descobertas freudianas nas origens da psicanálise. Desse retorno sobre Freud surgiu a teoria da sedução generalizada (TSG). Hoje não é o retorno sobre Freud que estará no centro da minha atenção e sim o diálogo que Laplanche estabeleceu, ou poderia ter estabelecido, com dois autores que estão entre aqueles que serão privilegiados este ano na formação oferecida pela Constructo: Sandor Ferenczi e Piera Aulagnier.

Laplanche e Ferenczi

Podemos dizer que Laplanche dialoga com Ferenczi a partir do interesse de ambos por duas noções da psicanálise anteriormente colocadas em evidência por Freud: trauma e sedução. Trata-se de um diálogo pontual e restrito quase exclusivamente à mesma questão, uma vez que Laplanche não foi um estudioso de Ferenczi. Nesse curto diálogo, constatamos, de saída, um ponto de desencontro. No entanto, pretendo mostrar que esse diálogo poderia ter prosseguido e se aprofundado com grande benefício para as elaborações de Laplanche.

Os escritos de Ferenczi estendem-se de 1908 a 1933, todos traduzidos para o português e reunidos nos quatro volumes das *Obras completas de Sandor Ferenczi*. O trauma é um tema constante em sua obra e conecta-se com aspectos clínicos muito relevantes, como alterações na técnica necessárias para fazer frente aos casos que não avançavam com a abordagem clássica. Partiu dele a polêmica proposta da “técnica ativa”, com intervenções diretivas orientadas pela observação atenta da transferência. Em um de seus textos mais famosos, “Confusão de línguas entre os adultos e a criança. A linguagem da ternura e da paixão” (Ferenczi, 1933/2011), publicado em 1933, ele aborda os traumas decorrentes de situações reais de sedução e

suas consequências para a constituição psíquica da criança. Nesse texto, ele discorre sobre o “desmentido”, a “identificação com o agressor”, a “clivagem psíquica” e a “progressão traumática”, conceitos decisivos em sua obra e em seu trabalho clínico. O texto sobre a confusão de línguas é inegavelmente um marco na teoria do trauma desenvolvida por Ferenczi, mas é preciso lembrar que o tema do trauma está presente do início ao fim de sua obra. A consideração da progressão desse tema em seu pensamento me ajudará a formular meu principal argumento sobre o encontro de Laplanche com Ferenczi.

Em 1916, Ferenczi publica o artigo “Dois tipos de neurose de guerra (histeria)” e, em 1918, “Psicanálise das neuroses de guerra”, ambos decorrentes de sua experiência como médico em um hospital militar durante a primeira guerra mundial. Nesses textos, ele busca uma compreensão psicanalítica para as chamadas neuroses de guerra, que entram na categoria de neurose traumática, quadro que se configura após a vivência de um episódio traumático atual e bem real. A etiologia da neurose traumática é, portanto, diretamente relacionada a um evento traumático, tal como a explosão de uma mina que tenha colocado em risco a vida do sujeito. Após um período de latência mais ou menos longo, a pregnância desse evento desencadeia intenso sofrimento psíquico.

O que chama a atenção nessas primeiras elaborações de Ferenczi sobre o trauma é a ênfase dada ao narcisismo, tal como Freud o havia concebido pouco tempo antes, suscitando importantes discussões entre os primeiros psicanalistas. Ferenczi, em particular, estava atento a essa noção e à novidade que o texto de 1914 trazia relativamente à teoria da libido, conforme atesta sua carta a Freud, datada de 7 de junho de 1914. Nessa carta, ele se permite sugerir uma correção a respeito da equivalência, proposta por Freud, entre a ideia de “fim de mundo” na psicose e no estado de apaixonamento amoroso, dizendo o seguinte: “No estado de apaixonamento, o mundo

não vai à ruína, mas o objeto de amor representa o mundo inteiro para o apaixonado” (Ferenczi, 1992, p. 597, tradução nossa). Trata-se de observação de peso, precursora, pode-se dizer, da ideia da identificação com o objeto na constituição do narcisismo. Pois bem, de que forma o conceito de narcisismo é evocado por Ferenczi em sua hipótese sobre a neurose traumática? Segundo ele, o sujeito traumatizado teria perdido sua autoconfiança e por isso retira seu investimento libidinal e seu interesse dos objetos para reinvestir o Eu. Vários dos sintomas comuns a esse quadro clínico viriam indicar uma hipersensibilidade do Eu, tais como os sintomas motores e sensoriais (astasia, tremores, paralisias, a hiperestesia de todos os órgãos dos sentidos) e também os sonhos de angústia e os transtornos de caráter, como a irritabilidade, os acessos de cólera e, ainda, transtornos como a hipocondria. Ferenczi menciona também a presença de manifestações que denotariam uma regressão ao narcisismo infantil, tais como a importância desmedida concedida à alimentação, os acessos de raiva, a necessidade de ser mimado e condocido, a recusa de trabalhar e a demanda de ser cuidado como criança (cf. Ferenczi, 1918/2011). Deixemos, por ora, em reserva esses dados sobre as neuroses traumáticas enquanto avançamos na progressão das elaborações de Ferenczi.

De posse de sua experiência com os traumatizados da guerra e das elaborações teóricas que daí decorreram, ele prossegue seu estudo sobre o trauma, porém focalizando um tema que já vinha ocupando seu interesse desde o início de sua produção escrita, a saber, a influência do contexto social e familiar no adoecimento psíquico. Como ressalta Paula Regina Perón (2007) em seu artigo “Considerações teóricas ferenczianas sobre o trauma”, são significativos os textos que podem ser reunidos sob a rubrica “influências do contexto social e os traumas nas relações entre pais e filhos”, quais sejam: “Psicanálise e pedagogia” (1908), “Fé, incredulidade e convicção” (1913), “As fantasias provocadas” (1924), “Adaptação da família à criança” (1927) e “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte” (1929).

Podemos dizer que esses dois últimos títulos comunicam com sagacidade o intuito de Ferenczi de colocar em relevo o duplo papel do adulto nas situações traumáticas da infância: por um lado, a importância da adaptação do adulto às necessidades da criança nos momentos dos traumatismos inevitáveis da infância tais como o desmame, o treino da higiene etc.; por outro lado, seu papel de agente de traumas, como nos casos em que o adulto comunica à criança, consciente ou inconscientemente, que ela é “um hóspede não bem-vindo na família” (*ibid.*, pp. 18-21). Nesse caso, pela carência do investimento narcísico dos pais, responsável por promover o narcisismo da criança, esta ficaria à mercê de sua pulsão de morte, sob o regime das excitações desligadas e sua progressão traumática.

Percebemos, aqui, o pioneirismo na ênfase sobre o ambiente familiar e social no seu aspecto de acolhimento e contenção necessários para o progresso da constituição psíquica da criança diante dos momentos potencialmente traumáticos da infância. Ferenczi é reconhecido como tendo exercido forte influência sobre Balint, M. Klein e Winnicott, ou seja, grandes nomes da corrente das relações de objeto em psicanálise. Laplanche sempre foi um crítico das teorias das relações de objeto por entender que elas negligenciam o papel do inconsciente dos pais (ou dos cuidadores em geral) na constituição psíquica da criança, aspecto que ele buscou colocar em relevo em sua teoria da sedução generalizada: o adulto é sedutor na medida em que sua comunicação com a criança é marcada por mensagens comprometidas com o sexual infantil inconsciente do adulto. Mas Laplanche reconhece que, por insistir nesse aspecto, isto é, nos elementos de instabilidade, de agressão e de desligamento incluídos nas mensagens do adulto, acabou por correr o risco de negligenciar o fato de que o outro, parental ou não, fornece também à criança recursos narcísicos essenciais que agem no sentido da ligação, além de fornecer à criança elementos indispensáveis à autoteorização (cf. Laplanche, 1999, pp. 127-146), ou seja, indispensáveis para que a própria criança possa lidar com os

enigmas que lhe veem do mundo adulto. Ora, não é justamente o equilíbrio necessário entre essas duas facetas do adulto — o adulto sedutor, fonte de mensagens potencialmente traumatizantes e o adulto acolhedor, fonte de investimento narcísico para a criança — o que Ferenczi sublinha nesse momento de seu pensamento sobre o trauma? Penso ser este um ponto em que o diálogo Laplanche-Ferenczi poderia prosseguir de forma fecunda, contribuindo para a identificação de possíveis fatores responsáveis pelo fracasso de tradução por parte da criança, uma vez que, na ausência ou deficiência do investimento narcísico por parte dos adultos, dificilmente o trabalho de autoteorização e de tradução de mensagens enigmáticas poderia ser realizado pela criança.

Passo agora para o período final da obra de Ferenczi, que reúne seus textos mais estudados e comentados, período no qual se destaca o artigo que já mencionei, “Confusão de línguas entre os adultos e a criança. A linguagem da ternura e da paixão”. Neste artigo, os traumas decorrentes de situações reais de sedução sexual da criança pelo adulto passam para o primeiro plano, ou seja, trata-se do abuso sexual propriamente dito. Ele recupera, então, o ponto do qual Freud partiu ao propor sua teoria da sedução e que ele mesmo declarou ter abandonado ao substituir o fato real de sedução pela realidade psíquica povoada por fantasias ligadas ao complexo de Édipo. Ao propor a apresentação da primeira versão desse texto no XII Congresso Internacional de Psicanálise, em 1932, Ferenczi foi desencorajado por Freud, que, entre outros motivos, acreditava se tratar de uma retomada da já superada teoria da sedução. No entanto, Ferenczi prosseguiu com seu intuito e apresentou seu texto, que foi publicado no ano seguinte.

Uma leitura criteriosa do texto de Ferenczi permite constatar que não se trata de defender a presença de um trauma sexual real na base dos adoecimentos psíquicos de modo geral, como na teoria da sedução freudiana, e sim de avaliar os efeitos sobre o funcionamento psíquico e as implicações clínicas

nos casos em que houve, de fato, uma sedução sexual precoce. É importante deixar claro que, ao se interessar pelo trauma decorrente de fatos reais de sedução sexual, Ferenczi não está desconsiderando o que Freud já havia avançado sobre o complexo de Édipo e as fantasias sexuais daí decorrentes. A realidade da sedução sexual viria comprometer as possibilidades de elaboração da criança diante dos desafios representados pela vivência edípica, conforme esclarecem Mendes e França (2012, p. 125): “se a sexualidade infantil tipicamente pré-genital, normalmente vivenciada no nível da fantasia e dos jogos, recebe como resposta a sexualidade genital do adulto, o processo de desenvolvimento psicosssexual tende a ser paralisado”. Esta é a confusão de línguas mencionada no título do artigo: o encontro da ternura da criança, sua sexualidade infantil pré-genital, com a paixão do adulto, sua sexualidade genital, que confronta a criança com uma excitação excessiva para a qual seu corpo e psiquismo estão despreparados (*ibid.*).

O despreparo da criança para simbolizar e, portanto, integrar psiquicamente essa excitação excessiva acarreta o que Ferenczi denominou de “clivagem psíquica”, isto é, a permanência no psiquismo de fragmentos isolados ligados à percepção traumática e que tendem a atrair para si novos fragmentos clivados em posteriores situações traumáticas. Quando a clivagem psíquica predomina, o psiquismo tende a acionar o mecanismo da “identificação com o agressor”. Ferenczi observava manifestações transferenciais em que o analisando demonstrava extrema submissão, como se o analista ocupasse o lugar de agente do trauma infantil, o que lhe pareceu indicar uma situação traumática latente capaz de induzir a posição de passividade. Porém, esses mesmos pacientes passivos às vezes o surpreendiam com expressões de raiva, com acusações de insensibilidade e até mesmo de crueldade, o que o levou a concluir que se tratava da manifestação de um objeto agressor internalizado (cf. *ibid.*, p. 126). Há muito mais a ser explorado nesse texto de Ferenczi, principal referência de Laplanche, porém o que foi exposto até aqui é suficiente para prosseguir com o diálogo Laplanche-Ferenczi.

Mencionei anteriormente que o encontro de Laplanche com Ferenczi teria, logo em seguida, revelado um ponto de desencontro. Pois bem, vamos acompanhar isso retomando as próprias palavras de Laplanche em “*Novos fundamentos para a psicanálise*”, no tópico que ele intitulou “Junção com Ferenczi”: “A situação originária, tal como Ferenczi a formula, é o confronto entre a criança e o mundo adulto. Pois, *a rigor*, e sejam quais forem as distorções que disso resultem, pode-se tornar um ser humano sem uma família, mas não sem esse confronto” (Laplanche, 1987, p. 123, tradução nossa). Notemos que, curiosamente, o primeiro ponto de junção com Ferenczi ressaltado por Laplanche não é a sedução nem o trauma, mas sim o emprego do termo “adultos” em vez de “pais”, o que, segundo ele, viria evidenciar a audácia de Ferenczi ao nos permitir superar a exclusividade “familiarista” que pesa sobre o pensamento psicanalítico. Sim, Laplanche está buscando teorizar a situação originária do ser humano em sua universalidade — uma *situação antropológica fundamental* desvinculada de contingências que determinam as configurações familiares. Em outras palavras, essa concepção da situação antropológica fundamental coloca em questão o próprio complexo de Édipo como fundamento do inconsciente, tal como ele reafirma num texto do final de sua obra: “entre os adultos e a criança” é bem diferente de ‘entre os pais e a criança’ ou ‘entre os dois progenitores e suas crianças’. É o próprio complexo de Édipo que está em questão” (Laplanche, 2003/2007, p. 147, tradução nossa).

Após salientar esse ponto de convergência com Ferenczi, Laplanche indica o ponto em que se separa dele:

Até aqui, Ferenczi nos acompanha, mas não muito mais longe, pois a expressão “confusão de línguas” não nos parece totalmente adequada. [...] Pois Ferenczi não dá o passo na direção de levar em consideração que aquilo que ele denomina de “linguagem da paixão” (a linguagem do adulto) só é traumatizante na medida em que veicula um sentido dele mesmo ignorado, ou seja, em

que manifesta a presença do inconsciente parental (*ibid.*, p. 124, tradução nossa).

Em texto anterior, Laplanche cita Gantheret a esse respeito, por considerar que suas palavras expressam perfeitamente essa ideia:

A linguagem da paixão, proferida pelo adulto, invade a ternura infantil, nos diz Ferenczi. Mas como pode ele, que tanto insistiu sobre *a criança no adulto*, reduzir nesse momento o adulto... ao adulto? [...] O que o adulto impõe à criança não está apenas em desacordo com a ternura infantil: é esse desacordo mesmo (*id.*, 1986, p. 269, tradução nossa).

Com essas observações, Laplanche pretende evidenciar que o comprometimento da linguagem do adulto por conteúdos sexuais inconscientes é o que define tanto a assimetria da situação adulto-criança quanto a passividade da criança diante desse “a mais de saber” representado pela expressão “linguagem da paixão”. É a ideia de “mensagem enigmática” que aí se configura como noção fundamental para se conceber a universalidade da situação originária de sedução, uma vez que toda criança é inevitavelmente confrontada com mensagens sexuais enigmáticas veiculadas nas comunicações do adulto, sejam elas verbais, gestuais ou de qualquer outra natureza.

De fato, Ferenczi, embora tenha tido essa percepção genial sobre o confronto da criança com a sexualidade do adulto, não a incluiu em uma teoria que abarcasse a constituição da sexualidade infantil e do inconsciente. Aqui, cabem duas observações. Primeiramente, é importante que fique claro que Ferenczi não buscava propor uma teoria sobre o originário, até mesmo porque ele se alinhava à concepção endógena da sexualidade infantil tal como defendida por Freud após ter abandonado a teoria da sedução. Conforme já dissemos, ele concorda com o que Freud já havia avançado

sobre o complexo de Édipo e as fantasias sexuais daí decorrentes. O que ele denomina “linguagem da ternura” é justamente a sexualidade infantil pré-genital, cujo desenvolvimento é comprometido pelo confronto precoce com a sexualidade genital do adulto. Em segundo lugar, Ferenczi não ignorava a presença do inconsciente do adulto na relação com a criança, como atesta, por exemplo a seguinte passagem de seu texto de 1930, “Princípio de relaxamento e neocatarse”: “estou de novo tentado a atribuir, ao lado do complexo de Édipo das crianças, uma importância maior à tendência incestuosa dos adultos recalcada e que assume a máscara da ternura” (Ferenczi, 1930/2011, p. 64). Porém, o interesse maior de Ferenczi no texto de 1933 é, de fato, colocar em relevo a frequência inegável dos traumas reais decorrentes da sedução perversa e abrir uma via para o tratamento e a compreensão do funcionamento psíquico dos pacientes traumatizados. E, nessa via, o diálogo Laplanche-Ferenczi poderia também se estender.

Antes de propor os pontos a respeito dos quais vejo possibilidades de prolongamento desse diálogo, é importante fazer uma breve consideração sobre o ambiente psicanalítico no momento em que Laplanche estava prestes a formular sua teoria da sedução generalizada, considerando que isso pode ajudar a entender o motivo pelo qual ele não se aprofundou no que Ferenczi disse sobre as consequências de uma sedução pedófila. Nos anos 1980, tal como Laplanche relata em seu texto “Traumatisme, traduction, transfert et autres trans(es)”, havia uma grande excitação e até mesmo algum estardalhaço em torno da descoberta e publicação da correspondência completa de Freud a Fliess. A esse respeito, vale muito a pena ler as primeiras páginas desse texto, apresentado em dezembro de 1984, durante o colóquio da *Association Psychanalytique de France*, cujo tema foi justamente “A atualidade do traumatismo”. Nessas primeiras páginas, Laplanche expressa de forma incisiva sua indignação com a maneira com a qual alguns psicanalistas estavam se posicionando diante da questão que voltou à tona com a publicação da correspondência completa

de Freud a Fliess, a saber: fantasia ou realidade na determinação das psicopatologias? Essa indignação se dirige especialmente ao livro de Jeffrey Masson, *The assault on truth. Freud's suppression of the seduction theory*, no qual o autor sugere que Freud teria recuado diante da constatação de uma verdade incômoda, qual seja, a grande frequência dos abusos sexuais de crianças. Para Laplanche, há um total equívoco nessa maneira de se posicionar no debate a respeito do papel da fantasia ou da realidade nas origens da neurose e da própria constituição do psiquismo. Sem negar a existência e mesmo uma elevada frequência de abusos sexuais de crianças, é importante reconhecer a fecundidade da teoria da sedução freudiana para além dos fatos reais de sedução. É nesse espírito que Laplanche lê o texto de Ferenczi, no qual vai, então, privilegiar aquilo que aponta para o que há de universal na situação da criança diante do adulto, deixando de lado o que diz respeito aos traumas decorrentes da sedução pedófila. Tendo situado o contexto do encontro de Laplanche com o texto de Ferenczi, vejamos o que é possível propor para uma continuidade do diálogo dos dois autores.

“A passividade está totalmente contida na inadequação a simbolizar aquilo que toma conta de nós vindo do outro” (Laplanche, 1986, p. 263, tradução nossa): esta afirmação de Laplanche está em total consonância com o que Ferenczi propõe a respeito da passividade da criança diante da linguagem da paixão do adulto. Penso que não seria forçado dizer que a noção ferencziana de clivagem está, também, em consonância com a mesma noção em Laplanche quando propõe o modelo unificado do aparelho psíquico. Em Ferenczi, o despreparo da criança para simbolizar a excitação excessiva decorrente da sedução do adulto acarreta o que ele denominou de “clivagem psíquica”, isto é, a permanência no psiquismo de fragmentos isolados, vinculados à percepção traumática, e que tendem a atrair para si novos fragmentos clivados quando os choques traumáticos se sucedem. Ora, como não constatar a proximidade dessa ideia com a noção de inconsciente encravado em Laplanche, que contém precisamente

as mensagens de caráter violento, endereçadas sobretudo pela via da intromissão? São mensagens destinadas a permanecer não traduzidas, dada a insuficiência do acolhimento narcísico do adulto e de seu papel de “assistente de tradução” diante do excesso de excitação inerente a esse tipo de mensagem. É importante lembrar que, num de seus últimos textos intitulado “Incesto e sexualidade infantil”, Laplanche (2006/2007) leva em consideração os fatos reais de sedução pedófila e nos convida a pensar que aquilo que é veiculado nessa situação de abuso sexual mal pode ser chamado de mensagem, sendo o paradigma por excelência do “não traduzível”, isto é, daquilo cujo destino é permanecer no inconsciente encravado.

O modelo unificado do aparelho psíquico surge no final da obra de Laplanche quando este autor busca superar uma insuficiência que vinha reconhecendo já há bastante tempo em sua teoria: como contemplar o fracasso radical do recalçamento? Como situar na tópica psíquica as mensagens que escapam radicalmente às tentativas de tradução? Ora, além de propor um modelo de aparelho psíquico que contempla o fracasso radical de tradução e situa as mensagens não traduzidas no inconsciente encravado, é necessário também reconhecer que o fracasso radical do recalçamento está ligado às patologias não neuróticas, cuja abordagem na clínica requer uma inflexão do método psicanalítico clássico. A esse respeito, podemos recorrer ao texto de Paulo de Carvalho Ribeiro, intitulado “O pensamento de Laplanche diante das matrizes freudo-kleiniana e ferencziana”, no qual o autor se volta também para o diálogo Laplanche-Ferenczi, ressaltando justamente o ponto que toca a situação clínica. Ribeiro (2018, p. 259) diz o seguinte: “Não é descabido afirmar que Laplanche dá a Ferenczi menos importância do que lhe é devida quando se trata de colocar a teoria do trauma no centro da articulação entre metapsicologia e clínica”. Se, para ambos os autores, a questão da passividade é fundamental, Ribeiro resalta que Laplanche não se voltou tanto quanto Ferenczi para as consequências psicopatológicas e clínicas dessa passividade, daquilo que Luís Claudio Figueiredo denomina

“adoecimentos por passivação” (*op. cit.*). De fato, embora Laplanche tenha proposto seu modelo unificado, visando a abarcar tanto as neuroses quanto as patologias não neuróticas, ele não explorou suficientemente as consequências clínicas desse modelo, e penso que o aprofundamento do diálogo com Ferenczi nesse tema poderia certamente abrir perspectivas fecundas para a teoria da sedução generalizada.

Há provavelmente outros pontos a partir dos quais é possível propor aproximações entre os dois autores, mas não irei me estender, pois não quero perder a oportunidade de apresentar, ainda que de forma muito breve, algumas ideias sobre um possível diálogo Laplanche-Piera Aulagnier.

Laplanche e Aulagnier

Diferentemente de Ferenczi, não há sinais na obra de Laplanche de um diálogo com Piera Aulagnier. Ele a cita, poderíamos dizer, *en passant*, em raros momentos. Apesar disso, dediquei-me a estabelecer esse possível diálogo em um artigo intitulado “O entrelaçamento da metapsicologia com a clínica nas abordagens de Jean Laplanche e Piera Aulagnier” (Carvalho; Ribeiro, 1998), escrito em coautoria com Paulo de Carvalho Ribeiro, pouco tempo após eu ter concluído o doutorado. Trata-se de um artigo que buscava colocar em evidência o quanto esses dois autores foram capazes de apreender a interligação da metapsicologia com a clínica de uma forma bem mais complexa e sutil do que a maioria dos textos sobre esse tema havia, até então, sido capaz de mostrar. Ao mesmo tempo, buscava ressaltar pontos de convergência nas proposições dos dois autores.

Tanto Laplanche quanto Aulagnier foram herdeiros do ensinamento de Lacan e ambos propuseram teorias sobre o originário nas quais poderíamos buscar elementos para um possível diálogo, sem ferir especificidades

conceituais ou negligenciar divergências irreduzíveis. Mas, como disse anteriormente, o ponto em relação ao qual buscamos a aproximação dos dois autores, no artigo citado, diz respeito à interligação da metapsicologia com a clínica. Vejamos, então, como podemos vislumbrar essa aproximação.

Da mesma forma que Laplanche estabelece um paralelo entre a atividade teorizante do analista e a atividade autossimbolizante da criança, movida pelo enigma do outro, Piera Aulagnier estabelece um paralelo entre o analista-historiador com sua versão, isto é, sua teoria e o analisando, historiador profano, que pensa deter uma versão exaustiva de sua história. Esse paralelo delineia duas ideias presentes desde os primeiros textos da autora: (1) a função do Eu como construtor incansável de sua própria história libidinal e identificatória, visto que, para ele, é vital figurar-se e ancorar-se numa história que substitua um tempo vivido-perdido; e (2) a relação entre essa função de historiador própria ao Eu e uma teoria e um método que são os nossos enquanto analistas. Ambos os historiadores, o teórico-historiador e o historiador profano, buscam tornar dizível e, portanto, pensável essa “coisa” desconhecida que é o *isso*, o “mestre feiteiro”, nos termos que Aulagnier escolheu para compor o título de *O aprendiz de historiador e o mestre feiteiro*. Aulagnier propõe que abordemos as teorias psicanalíticas, inclusive a de Freud, como o trabalho desse eterno aprendiz de historiador que é o Eu, opondo incessantemente suas construções a esse mestre feiteiro que é o *isso*. Ora, como não ver aqui uma proximidade com as proposições de Laplanche sobre o papel do Eu na atividade de tradução/simbolização, entendida como uma possibilidade de representação de si mesmo, necessária para conter o efeito excitante e perturbador do enigma do outro? O paralelo entre o teórico-historiador (o analista) e o historiador-profano (o analisando) também se aproxima da proposição de Laplanche segundo a qual a teoreticogênese reproduz a ontogênese. Isto é, da mesma forma que a criança é movida pelo enigma do outro no seu processo de constituição psíquica, o processo de teorização confronta o teórico com

os seus enigmas. A história do teórico/analista é diferente daquela do profano/analizando, mas a teoria não deixa de ser dependente da história libidinal e identificatória daquele que a constrói, ou seja, ela guarda estreita relação com os enigmas que o lançaram em seu sempre renovado trabalho de tradução. Neste sentido, P. Aulagnier fala de “questões fundamentais” próprias a cada analista para se referir a questões que constituem o ponto comum de resistência e fascinação que torna singular a relação de cada analista com a teoria psicanalítica.

Diante da impossibilidade de me alongar mais neste momento, convido à leitura do artigo acima citado como uma possível fonte de inspiração para o prolongamento do diálogo entre Laplanche e Aulagnier. Como procurei sugerir acima, esse diálogo encerra um enorme potencial de desenvolvimento, podendo gerar contribuições significativas em sintonia com nosso esforço contínuo e renovado em manter a vitalidade da psicanálise.

Referências

Carvalho, M. T. M., & Ribeiro, P. C. O entrelaçamento da metapsicologia com a clínica nas abordagens de Jean Laplanche e Piera Aulagnier. *Cadernos de Psicologia*, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, 1998, pp. 125-133.

Ferenczi, S. Carta 478 de Ferenczi a Freud. In: Ferenczi, S. *Sigmund Freud – Sandor Ferenczi Correspondence 1908-1914*. Paris: Calmann-Lévy, 1992. pp. 596-597.

Ferenczi, S. (1933) Confusão de línguas entre os adultos e a criança: a nova linguagem da ternura e da paixão. In: Ferenczi, S. *Obras completas: Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. pp. 97-106.

Ferenczi, S. (1930) Princípio de relaxamento e neocatarse. In: Ferenczi, S. *Obras completas: Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. pp. 53-68.

Ferenczi, S. (1918) Psicanálise das neuroses de guerra. In: Ferenczi, S. *Obras completas – Psicanálise III*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. pp. 13-32.

- Laplanche, J. (2006) Incesto e sexualidade infantil. In: Laplanche, J. *Sexual*. Paris: PUF, 2007. pp. 275-292.
- Laplanche, J. (2003) Le crime sexuel. In: Laplanche, J. *Sexual*, Paris, PUF, 2007. pp. 133-151.
- Laplanche, J. Les forces en jeu dans le conflit psychique. In: Laplanche, J. *Entre séduction et inspiration: l'homme*. Paris: PUF, 1999. pp. 127-146.
- Laplanche, J. *Nouveaux fondements pour la psychanalyse*. Paris: PUF, 1987.
- Laplanche, J. (1986) Traumatisme, traduction, transfert et autres trans(es). In: Laplanche, J. *La révolution copernicienne inachevée*. Paris: PUF, 2008. pp. 255-272.
- Masson, J. *Le réel escamoté*. Paris: Aubier, 1984.
- Mendes, A. P. N., & França, C. P. Contribuições de Sándor Ferenczi para a compreensão dos efeitos psíquicos da violência sexual. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 17, n. 1, jan./mar. 2012, pp. 121-130.
- Perón, P. R. Considerações teóricas ferenczianas sobre o trauma. *Psic. Rev. São Paulo*, São Paulo, v. 16, n. 1-2, 2007, pp. 13-27.
- Ribeiro, P. O pensamento de Laplanche diante das matrizes freudo-kleiniana e ferencziana. In: Figueiredo, L. C., & Coelho Júnior, N. E. *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura – Matrizes e modelos em psicanálise*. São Paulo: Editora Blucher, 2018. pp. 253-285.

Revisão gramatical de **Bruno dos Santos Konkewicz**

Revisão técnica de **Clarissa Salle de Carvalho**

Maria Teresa de Melo Carvalho

Av. Afonso Pena, 4273/510

30130-008 – Belo Horizonte – MG

mtmelo62@gmail.com

© Constructo Revista de Psicanálise